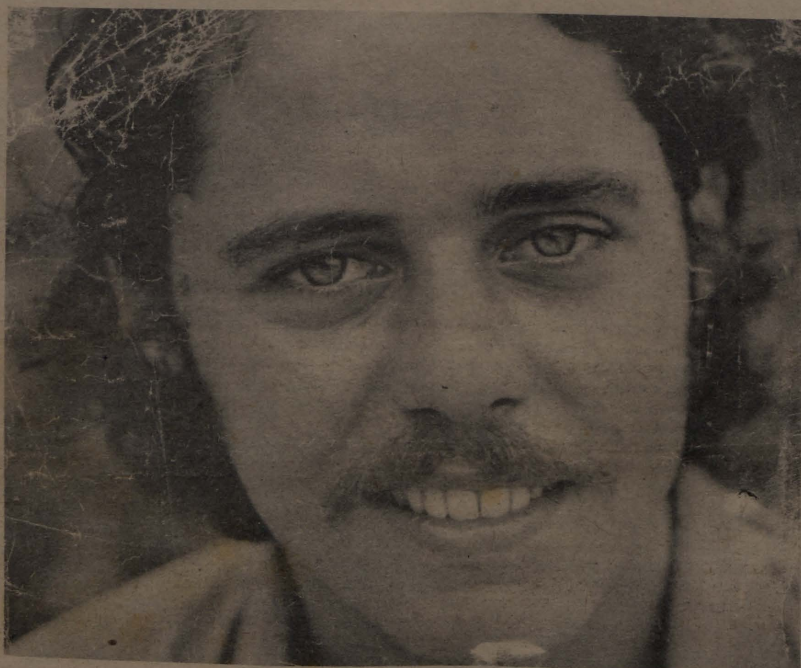


A música brasileira permaneceu estável de Noel a Tom Jobim. Caetano foi o furacão que trouxe novos valores soltando-os alheamente entre os compositores. Compositores e cantores procuram, agora, traçar seu novo rumo. Depoimentos sobre a música brasileira nas páginas 6 e 7.



378.4(817.4)(05)
PC. 10.250301

O índio está quase desaparecendo. De quem é a culpa? Das missões? Da invasão de suas terras pelo branco? Nei Landi, da FUNAI, fala sobre isto na página 9.

Duas visões da Censura

P. g. 3

Ciência, base do poder hoje

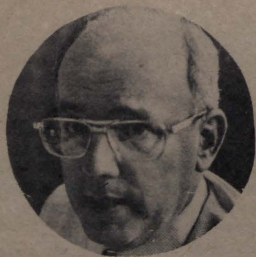
Pag. 4

Remédio para salvar a TV

Pag. 5

Mais uma vez o cinema brasileiro está em crise. Rogério Costa Rodrigues, professor e crítico de cinema, discute e propõe soluções para o problema. Página 12.





Professor de Educação Física desde 1955, treinador de equipe brasileira em campeonato mundial, único detentor do prêmio da Academia do Conselho Internacional de Esporte Militar, e três livros publicados. Este é Pires Gonçalves, diretor do Departamento de Educação Física e Desportos, que na entrevista com o pessoal do Campus falou entre outras coisas, das Olimpíadas, do teste Cooper e da obrigatoriedade da Educação Física na Universidade.

Esporte, desafio para o governo

Lícia Galiza

CAMPUS — Professor, o que é o DEFER e quais seus objetivos?

PIRES — Hoje em dia os governos do mundo inteiro chegaram a conclusão que Educação Física e esportes são assuntos muito importantes e não podem ser deixados de lado dentro da esquematização global do governo. Assim, o Departamento de Educação Física foi criado em virtude de uma pressão de confederações de Educação Física junto ao Governador, para ser encarregado desta área. Hoje em dia, educação física não pode ser relegada a entidade privada, isto é um problema de governo.

CAMPUS — O governo tem um plano nacional para o esporte? O que está sendo feito a partir disso?

PIRES — Não, tem, mas vai ter a partir desse meu livro. Mas existe sim. O MEC tem o Departamento de Educação Física e Desportos, que cuida disso, e eles tem já alguma coisa alinhavada a respeito disso. A idéia é levar o esporte à massa, principalmente através da escola primária.

CAMPUS — Como o Sr. explica o atual interesse e impulso dado ao esporte no país?

PIRES — O brasileiro sempre teve interesse no esporte, não houve um súbito interesse. Em 1938 o Brasil parou para ouvir a Copa do Mundo. Então o negócio já se estende de alguns anos para cá, mas parece que a nossa infraestrutura não está muito bem montada de forma que houve uma macrocefalia no que tange a futebol. Tudo é dirigido para o lado do futebol, mas o brasileiro sempre teve uma grande queda para o esporte em geral.

CAMPUS — Prof. o senhor acredita que esse interesse pelo esporte é apenas um entusiasmo passageiro?

PIRES — Não. Acredito que o entusiasmo pelo esporte trata-se de herança cultural, vinda dos romanos, que eram desportistas por excelência. Ninguém inventa um tri campeonato mundial de futebol se não houvesse uma paixão de massa pelo menos por um determinado esporte como é o caso do futebol aqui no Brasil, que envolve milhões de pessoas, entre imprensa, espectadores, treinadores, diretores praticantes. Isso bem canalizado poderia ser igual nos outros esportes, tenho certeza disso. Brasileiro é um desportista nato.



Influência de Cooper no Campus da UnB

CAMPUS — O Sr. acredita que há uma necessidade natural da população nesse interesse pelo esporte, ou essa necessidade foi criada através da propaganda?

PIRES — Este problema é encarado com uma seriedade incrível. Basta dizer que em vários países há ministérios da Educação Física e do Esporte. Então é um problema que lida com áreas tais e elas se entrelaçam e se correlatam de tal maneira que não podem ficar jogadas a interesses de grupos, sendo assim, um problema de ordem nacional. Já que temos uma população deficitária na área de saúde, o esporte deve ser estimulado na população. Para se ter uma idéia da força do esporte, no Brasil chegou-se a eleger governador de estado, como foi o caso de Laudo Natel, eleito por ser conhecido como presidente do São Paulo Futebol Clube.

CAMPUS — Estaria havendo a partir de agora um interesse maior pelo chamado esporte amador?

PIRES — Isso sempre teve. O problema é que o número de espectadores ultrapassa muito o número de praticantes. Para que se aumente o número de praticantes é necessário que haja melhorias nas instalações. De outra maneira, não há esporte.

Em termos de verba, Cuba, nos jogos Panamericanos aplicou cem milhões de dólares na preparação de suas equipes. Com oito milhões de habitantes eles conseguiram 105 medalhas. O Brasil com 93 milhões conseguiu 35. Daí, concluímos que vale a pena aplicar 100 milhões no esporte, pois é um dinheiro que em pouco tempo volta, é revertido. Não se trata apenas de número de medalhas, e sim, do que existe atrás disso, do que as medalhas representam, ou seja, melhoria da saúde do povo, do rendimento, aumento da vontade de trabalhar, aumenta o intercâmbio entre o governo e a população.

CAMPUS — Qual o papel do governo na ampliação dessa mentalidade esportiva?

PIRES — O governo está dando bastante apoio através de ordem direta da Presidência da República ao MEC e distribuindo a todos os governos estaduais através das suas Secretarias de Educação ou Secretarias de Esportes ou ainda, Departamentos de Esportes. Está havendo realmente um interesse sobre isso, e este interesse é tão maior quando se sabe de alguns insucessos do país em competições que não de futebol, basquete e natação, mais recentemente. Há dezenas de outros esportes que o Brasil está um zero à esquerda. Isso fez com que o governo abrisse os olhos e desse diretrizes a respeito do assunto, que estão, bem ou mal, procurando ser cumpridas.

CAMPUS — Qual a importância da Copa do Mundo, Olimpíadas, e outras competições esportivas?

PIRES — As Olimpíadas são a maior festa da juventude mundial. Sua importância é enorme, chegando ao ponto da política ser envolvida nisso. A África do Sul, por exemplo, está proibida de competir nas Olimpíadas, por causa de sua política de racismo, e eles não querem um país com essas idéias poluindo os jogos olímpicos.

CAMPUS — E o seu plano de um ministério de EF?

PIRES — Acho, por uma série de razões, que deveria ser criado um órgão de planejamento e controle (fiscalização e execução), que possa se tornar futuramente, o Ministério da EF e dos Desportos. Atualmente está havendo uma superposição entre educação e educação física. O que está havendo é uma superposição de áreas, e devia ser cada área separada.



A tocha olímpica, de Olimpia (Grécia), para Munich

CAMPUS — E o ensino superior de EF no país, como está sendo organizado?

PIRES — Atualmente, temos 42 escolas de Ed. Física no país, e algumas delas, muito bem equipadas e expoentes dentro do que há de melhor em EF. Mas Educação Física não está dentro das áreas consideradas prioritárias pelo MEC, talvez por isso, esteja "discriminada", mas eu não acredito nisso, embora ache que deveria haver mais planejamento em relação a esse problema.

CAMPUS — E a obrigatoriedade da prática de Educação Física nas universidades? Chegou o fim dos atestados médicos para dispensa?

PIRES — Existe uma lei que obriga a prática da Educação Física nas escolas superiores. Aqui no Brasil não há nem local para Educação Física nas universidades. Não tem cabimento uma coisa dessas. Os próprios alunos, ao pedir a dispensa médica, sem motivos para tal, estão se iludindo. O MEC devia proibir o funcionamento de colégios sem uma área própria para Educação Física. Eu sugiro isso aí ao MEC. Vocês podem ver que no Brasil, os clubes particulares é que fornecem atletas, ao passo que as escolas é que deveriam fazê-lo, preparar os alunos no esporte, para que eles saíssem já com um bom preparo, para integrar depois as nossas seleções. É preciso que o preparo técnico parta das universidades.

CAMPUS — E o método Cooper, porque de uns tempos pra cá todo mundo resolveu dar longas caminhadas?

PIRES — Esse movimento é de dois anos para cá. Na vida atual, nós vamos cada vez mais diminuindo o nosso rendimento físico. A maneira de fugir disso é procurar três vezes por semana fazer exercícios. Eu mesmo saio correndo da 112 e vou até a 116. O Cooper começou testando 5 mil pessoas entre o pessoal da Força Aérea, com resultados positivos.

Duas pessoas vieram até nós e deram seus depoimentos sobre o assunto: o primeiro, um intelectual, professor Cassiano Nunes, professor de Teoria Literária da Universidade de Brasília, com várias obras publicadas, entre elas, uma peça encenada nos Estados Unidos; o segundo, Rogério Nunes, delegado de carreira e atual Chefe do Serviço de Censura do Departamento de Polícia Federal.

Deve haver censura na obra de arte?

Yêda Estergilda

CAMPUS: Prof. Cassiano Nunes, o Sr. acha necessária a censura?

CN: É ponto pacífico que deve haver policiamento nas ruas e nos mais diversos setores de abastecimento do público. Nenhum de nós se queixaria se houvesse uma fiscalização mais rigorosa a impor asseio nas instalações sanitárias, bares e restaurantes de nossa cidade. Mas, uma comparação entre fiscalização de farmácias e bares e a tarefa da censura quanto à obra de arte, não pode ser estabelecida com adequação.

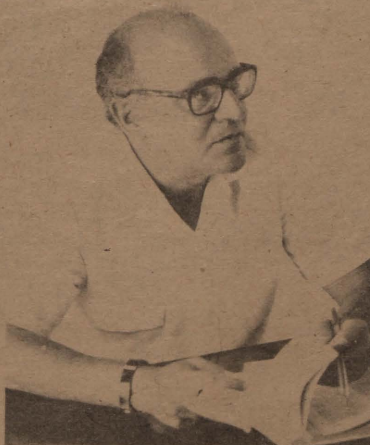
CAMPUS: E quanto aos censores?

CN: O trabalho de um censor exige ampla cultura unida ao bom senso e a uma profunda compreensão. Muitos revelam lamentável desconhecimento da estética, condenando como subversivas ou imorais, obras de arte que não são uma coisa nem outra. O princípio fundamental de um censor, quanto à obra de arte, é, a meu ver, reconhecer-lhe a importância suprema para o edifício da civilização, para o enriquecimento da cultura. Consciente disso, podemos esperar uma profunda reverência e persistentes escrúpulos dos censores diante da arte, sentimentos que não os levarão à fácil manipulação desse objetos, mas ao contrário, a uma contemplação imóvel.

CAMPUS: Que sugestões daria aos censores?

CN: Eles precisam ter uma mentalidade aberta (o que geralmente é a cultura que dá), que lhe faça sentir o relativismo da moral social no nosso ambiente e nosso tempo, colidindo com a intemporalidade e a universalidade da obra de arte. Devem policiar-se, anulando os seus condicionamentos psicológicos, suas idiossincrasias no exercício da função. Preconceitos raciais, religiosos, sociais, não devem interferir no trabalho do censor.

CAMPUS: O Sr. acha que cenas consideradas imorais devem ser cortadas de filmes legitimamente artísticos?



Cassiano: censor só com cultura

CAMPUS: Sr. Rogério Nunes, qual a filosofia da censura?

RN: Quanto ao uso de tóxicos, por exemplo, a Censura proíbe cenas que ensinam o uso das drogas, mas não proíbe as de caráter educativo sobre como deixar de fumar maconha, como curar um viciado. É claro que cenas assim não vamos cortar, pois são educativas. Isto quer dizer que não censuramos os tóxicos indiscriminadamente. Desse comportamento é que surge a nossa filosofia diante de um determinado problema. Dessa filosofia tiramos a nossa jurisprudência.

CAMPUS: Quem elabora a legislação da Censura?

RN: A nova foi examinada por várias pessoas. Grupos de trabalho, censores já experimentados, opiniões de muita gente entendida no assunto, tudo esse material nós colhamos e foi surgindo a nova legislação.

CAMPUS: Há algum capítulo dessa legislação que fala sobre o respeito à obra do artista?

RN: Procura-se ver os aspectos culturais e estéticos, agora, não se pode deixar que seja levado ao público algo que vá ferir outras normas. A Censura não pode aceitar uma obra de arte que, em nome da arte, fere valores que devem ser preservados. Não impedimos o artista de criar livremente, de exibir seus filmes livres em cinematecas, ambientes privados, mas a censura tem que zelar pelo grande público e é pensando nele que proíbe certas coisas.

CAMPUS: Qual a estrutura administrativa da Censura?

RN: O Serviço de Censura de Diversões Públicas está estabelecido no Art. 80., item 8 da Constituição. É um imperativo legal cumprido pelo Departamento de Polícia Federal. A estrutura atual está modificada. Teremos um Serviço de Censura de Diversões Públicas que se subdividirá numa turma de teatro, outra de cinema, uma de tv e uma de rádio. Um Serviço de Orientação respon-

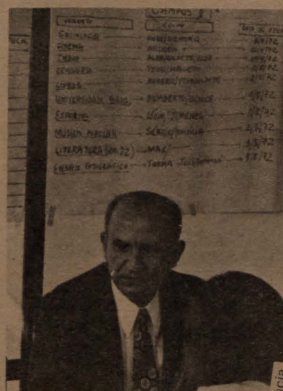
sável pela parte doutrinária. Um Serviço de Controle (para apreensão de filmes, multas), em todos os Estados. E uma Seção Administrativa.

CAMPUS: Como age a Censura desde que recebe um filme ou uma peça, até o instante em que libera?

RN: O interessado traz o filme à Brasília com toda a documentação hábil e o filme é então escalado para uma turma de 3 censores que vão assisti-lo no dia seguinte, na sala de projeções da Censura. Os censores dão 4 horas de serviço interno. Em 2 horas, vêem o filme e dão o parecer. Cada censor dá seu parecer separado, onde criticam e fazem suas restrições, tudo com base na legislação. O filme vai então para o Chefe que examina, analisa, libera, se for o caso, ou determina novo exame, se houver alguma dúvida, e o Diretor Geral ainda pode vê-lo, para os esclarecimentos finais. Se for uma peça, tem que vir em 3 vias e o ensaio geral é visto no teatro. É um trabalho feito com rigor.

CAMPUS: Quanto tempo leva uma peça ou filme na censura?

RN: Depende. Alguns setores de opinião dizem que há certa liberalidade por parte da Censura com o cinema nacional. Por outro lado, a imprensa nos ataca. Não sabemos a quem atender. Mas não há prevenção. Um filme do Roberto Carlos, por exemplo, entra de manhã e sai de tarde com certificado pronto, porque Roberto Carlos não se deixa filmar diante de uma garrafa de cerveja ou fumando. Mas já um filme do Jece Valadão nos pega prevenidos contra determinadas cenas. A diferença no tratamento dos filmes nacionais varia de acordo com a ficha do diretor ou produtos. O filme "As Bonecas", cujo título já dá uma idéia do conteúdo, está nos dando trabalho para ser liberado. É todo sobre o homossexualismo. Uma comédia, onde um homem se apaixona por outro e consegue tudo na vida por ser



Rogério: tóxicos só para educar

CN: A arte, que deve ter sempre efeitos positivos, às vezes pode influenciar negativamente um público despreparado. Um filme que atua positivamente num clube de cinema, pode ter má influência na Gama. Neste ponto, concordo com as reservas da censura.

CAMPUS: E então, como deve agir a censura nesses casos?

CN: Devia estabelecer, de acordo com os exibidores, um circuito cinematográfico em que os filmes de arte fossem exibidos inteiramente, mesmo com os detalhes considerados escabrosos e que às vezes são fundamentais para a compreensão e interpretação de todos.

CAMPUS: Como o Sr. vê a obra de arte e o artista dentro do esquema atual?

CN: A obra de arte é livre, é um produto da liberdade. Onde o artista cede às injunções dos governos, da pressão social, a arte definha, se deteriora. Querer transpor esse país secreto — o da arte — me parece absurdo que os censores não sancionarão. Quisera Deus que, em vez de censurar a arte, nós a pudéssemos espalhar para milhões, pelos teatros, tvs., cinemas, etc.

CAMPUS: Se a censura e os censores reconhecessem suas falhas e se propusessem a uma análise de suas atitudes, não chegariam à conclusão de que não deve haver censura?

CN: Não desvalorizo a ação dos censores. Acho sua missão útil na defesa do povo, especialmente na fiscalização dos divertimentos públicos, mas a obra de arte pertence a outro reino, embora expresse profunda e dramaticamente, a nossa experiência humana, nossa jornada estranha e às vezes patética pelos caminhos do mundo.

homossexual, tentando até se suicidar. Uma mensagem negativa que não podemos permitir. Estamos assim com uma equipe reforçada de três censores, mais de três, porque sabemos que vai dar muitas controvérsias. Em "Casa Assassinada", passado no último festival de Brasília, há também uma cena de cama, chocante... entre mãe e filho... um incesto... Não permitimos. Cortamos estas cenas.

CAMPUS: Por que "Nenê Bandalo" foi proibido quase na hora de ser exibido?

RN: Por força de uma legislação nova que saiu sobre tóxicos. A legislação sobre o assunto foi toda reformulada e, de acordo com ela, toda cena que leve ou induza ao uso dos tóxicos, será proibida, já está sendo. O filme tinha sido liberado, mas com a nova lei impondo novas obrigações da Censura fiscalizando o uso dos tóxicos, fomos obrigados a eliminar as cenas.

CAMPUS: E o País de São Saruê?

RN: Esse foi problema de ordem política. O Vladimir queria levar o filme para o exterior e a lei estabelece que nenhum filme com vistas desprimorosas, explorando aspectos de miséria, pode ser exportado ou exibido. E com base nessa lei, que é ainda de 46, proibimos o filme. Não foi, portanto, nenhuma exigência nova.

CAMPUS: Como é feita a censura de telenovelas?

RN: O diretor ou produtor traz os três primeiros capítulos e também o desfecho. Se, no desenrolar, a novela sair do roteiro, o censor anota, critica, manda cortar. Três censores são escalados para irem à TV, assistir ao vivo. Quando é uma novela como "Meu Pé de Laranja Lima", vai só um censor, pois já se sabe que não haverá problemas com a Censura. Os programas noticiosos de rádio não são

censurados, os musicais, a censura exige apenas que a programação seja enviada semanalmente, pois as músicas já estão previamente censuradas. Nas rádio-novelas, a censura atua só no script.

CAMPUS: Por que a censura na música de Chico Buarque?

RN: Só na música é que a Censura é descentralizada. Na música de Chico Buarque, "Apesar de Você", não houve nenhum ato formal proibindo. A medida foi tomada em face de uma época tumultuada. Já em "Partido Alto", havia uma palavra que achamos não estar a altura do compositor. Ele foi chamado, explicamos as razões do corte e ele resolveu mudar "títica" por "coisa" e ficou tudo resolvido.

CAMPUS: Quem são os censores?

RN: São pessoas nomeadas por livre escolha, para cargos de comissão ou contratados pelo regime da CLT, como técnicos de censura.

CAMPUS: Qual o nível exigido para um censor?

RN: Precisam ter nível superior, devendo ser formados em Direito, Comunicação, Administração, Filosofia, Psicologia, Pedagogia ou Ciências Sociais. Prestam concurso e são admitidos no quadro de pessoal.

CAMPUS: Como são punidos os que não cumprem as determinações da Censura?

RN: A pena é mínima, mas no caso de reincidência, o artista é suspenso. Costinha foi suspenso, uma novela, uma peça em cartaz, podem ser retiradas. A nova legislação estabelece a multa na base de um salário mínimo. Ressalte-se que todo o nosso trabalho é gratuito. O produtor ou diretor não paga um centavo à Censura. O que se exige é o pagamento ao INC de uma taxa fixada por lei para o incentivo à indústria cinematográfica nacional.

A ciência e a tecnologia são essenciais para o desenvolvimento da América Latina e mais importantes hoje do que o capital e o trabalho como fatores de progresso. Esta foi a conclusão a que chegaram vinte e quatro países do Continente que se reuniram recentemente em Brasília no I Congresso sobre a Aplicação da Ciência e da Tecnologia para o Desenvolvimento da América Latina.

Durante o Congresso, realizado no Itamarati, foram debatidos três grandes temas: o de como criar e desenvolver a tecnologia e a ciência na América Latina; quais as melhores condições para os países do Continente adquirirem tecnologia dos países mais adiantados; e como os países do continente poderiam colaborar para apressar o avanço de sua ciência e tecnologia.



Para Valdez, hoje o domínio do conhecimento é a base do poder.

Ciência, base do poder no mundo

Eunice Negreiros e Carlos Macedo

Gabriel Valdez é administrador adjunto para a América Latina do programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Os dados e problemas aqui apresentados, em forma de entrevista, foram tirados da conferência que pronunciou em Brasília durante o Congresso sobre tecnologia na América Latina.

Como os governos da América Latina vêem o problema da Ciência e da Tecnologia nos seus países?

G.V. — Desde algum tempo, os governos e a comunidade científica da América Latina vem tomando consciência da gravidade do fenômeno da concentração da investigação científica e dos descobrimentos tecnológicos nos países desenvolvidos, com a consequente sucção das capacidades humanas de países em desenvolvimento. A distância que se tem gerado entre os países avançados e os em desenvolvimento, é fruto da incapacidade destes para alcançar um nível de participação no campo do saber que é hoje acima de tudo, a base do poder.

Quais os esforços que a América Latina tem de fazer para desenvolver a tecnologia?

G.V. — A situação da América Latina é a mais difícil de todos os continentes, porque aqui se encontram vários países que por haver chegado a um nível de desenvolvimento mediano, com níveis industriais e educacionais relativamente avançados, dependem maciçamente de dois grandes esforços simultâneos: o primeiro, importação de tecnologia; o segundo, desenvolvimento tecnológico próprio, ajustado a suas próprias matérias primas, necessidades e valores culturais.

Nos projetos de ajuda de países desenvolvidos a países subdesenvolvidos muitos analistas dizem que os últimos perdem sempre: não há portanto, vantagens para a América Latina. O sr. concorda com isto?

G.V. — Vivemos em um período de crescente internacionalização de imagens, de produtos e de comércio através do qual os grandes centros de produção e de consumo projetam seus modelos de vida. Este processo de internacionalização oferece inegáveis vantagens para os países que construíram oportunamente sua infra-estrutura científica e sua capacidade de investigações tecnológicas. Se se analisa a balança de preços da tecnologia, se observa que os EUA recebem cinco vezes mais do que pagam. Os demais países da comunidade européia, mesmo os menores, têm uma balança de preços relativamente equilibrada. Este equilíbrio significa que estão participando favoravelmente no intercâmbio da inteligência e que podem defender e fazer progredir seus próprios modelos de vida, para fazer respeitar sua própria capacidade intelectual. No caso de países em desenvolvimento e em particular da América Latina a balança de preços é absolutamente negativa. Nada exportam e tudo estão comprando.

Os países da América Latina obteriam tecnologia por transferência, inovação e difusão?

G.V. — Abordar o tema da transferência, inovação e difusão tecnológica é entrar de cheio no problema do desenvolvimento. Não se trata de afirmar o sobejamente conhecido. Trata-se de dizer que a incorporação de tecnologias mais avançadas ao processo produtivo é o componente mais importante da equação que define a velocidade do desenvolvimento econômico. Trata-se de tomar consciência de que a inovação técnica influi qualitativamente e quantitativamente no desenvolvimento econômico e social. Por outro lado, as formas que toma a estrutura sócio-econômica dos países definem a sua capacidade de criar, absorver e difundir novas tecnologias. É por isto que a primeira ciência em que deve apoiar é a da investigação social, sem a qual o avanço das outras ciências ou tecnologias resulta assimétrico ou se frustra. Seria inútil enfocar o problema da aplicação da ciência e da tecnologia, e da transferência tecnológica sem tomar em consideração as formas sociais e culturais, nas quais o problema se insere.

Deve-se, então, conhecer primeiro o ambiente social onde a tecnologia seria implantada?

G.V. — É que o problema não é somente de aplicar os conhecimentos científicos e tecnológicos ao descobrimento de novas fontes de produtos básicos, ao desenvolvimento de equipes e maquinarias, ao treinamento de mão-de-obra e a capacidade de integrá-los no processo produtivo para lograr bens em maior quantidade e menor custo ou melhor qualidade e menor custo. O problema é também conhecer como a sociedade em geral, a comunidade americana, neste caso, pode crer, observar e acomodar tecnologia. Encontramos-nos assim frente a uma realidade duplamente problemática. Em primeiro lugar, bem sabemos que não é fácil obter tecnologia. Ela é custosa e está destinada a economias de escala diferente. Por outro lado, ela está incorporada à experiência de quem tem aprendido durante o processo mesmo de produzir o que a torna difícil de ser transmitida ou transferida.

E quanto às patentes?

G.V. — O sistema de patentes impõe sérios obstáculos à transferência de tecnologia. É indispensável planejar-se diretamente a necessidade de terminar com a propriedade privada dos processos de produção de bens e serviços, depois de pagar seu custo inicial de criação. Eles são essenciais para a humanidade. Já há um consenso acerca de propriedade comunitária de todos os homens sobre o espaço extra-terrestre e sobre os fundos marítimos. O princípio tem começado a ser analisado nas Nações Unidas para outros bens, produtos da inteligência humana acumulada.



Estados Unidos: o exemplo da força da tecnologia

Evasão de Cérebros na América Latina

A implantação de tecnologia nos países da América Latina enfrenta um grande problema: a evasão de cérebros. Os países latino-americanos gastam uma fortuna na formação de cientistas e técnicos de alto nível (formação esta, que leva no mínimo 20 anos) e depois os dá de mão beijada aos países avançados que oferecem vantagens financeiras, condições de trabalho e possibilidades de informações especializadas.

Uma recente pesquisa da OEA mostra o seguinte quadro: de 1961 a 1970 saíram da AL 46.152 técnicos e cientistas de alto gabarito. Em 1965, a evasão de profissionais para os Estados Unidos atingiu seu ponto máximo. Dai em diante começou a baixar: em 1970, deixaram a América Latina 3.284 cientistas. Apesar do êxodo ter diminuído os países latino-americanos continuam perdendo divisas e uma mão de obra preciosa.

A televisão brasileira vive em função do IBOPE e por ele faz tudo, "dando ao povo o que o povo quer". A cata de alguns pontinhos a mais de audiência, ela não hesita em descer ao nível mais baixo, deixando de lado o bom senso e o bom gosto, ou em inventar maravilhas que nem sempre são bem sucedidas em sua programação. Ultimamente fala-se muito em televisão, nível dos programas e a necessidade de se fazer uma reformulação geral.

Após 22 anos de sua existência no Brasil, o Governo é um dos mais preocupados com a situação, e está para sair um documento com as normas de conduta para a TV brasileira, elaborado pelos Ministros das Comunicações, Educação, Justiça e Trabalho.

Resolvemos entrevistar algumas pessoas para falar de nossa TV. Fizemos a seguinte pergunta aos três entrevistados: "A TV brasileira é boa, ou má? Por que?" E cada um respondeu de acordo com o aspecto de seu interesse. As opiniões de um sociólogo, um jornalista e uma psicóloga, definem parte da situação atual de nossa TV.



Mito e realidade da TV brasileira

Hebe Machado Guimarães

HELBIO GONZALEZ (SOCIÓLOGO)

Desculpem-me se não respondo diretamente as perguntas. A realidade objetiva não é um fato puro, simples, evidente, que pode ser enquadrado de uma maneira direta dentro da filosofia maniqueísta do "bom e do mau". A TV brasileira, como qualquer fato social, é historicamente determinado e, como tal, múltiplo e complexo. Para se dizer algo sobre sua forma, natureza e função deve-se decompô-la, isto é, analisá-la em suas propriedades e qualidades fundamentais. Portanto, só um procedimento analítico e teórico nos permitirá generalizar algo sobre o conteúdo de nossa TV.

Se, pelo contrário, ficarmos no nível das imagens (sensações), dos telespectadores e etc., toda e qualquer opinião será sempre um ponto de vista pessoal, particular. Qualquer solução ao problema da qualidade dos programas partindo de opiniões pessoais (de pessoas ou de grupos) será sempre no nível da aparência e implicará em retirar ou acrescentar algo, aumentar ou diminuir as saias das "chacretes", aumentar ou diminuir o número de horas dos programas do Silvio ou do Flávio, aumentar ou diminuir o número de novelas e etc. A TV brasileira, como qualquer televisão, não se constitui da soma de imagens ou programas. Desta forma, não se melhora seu conteúdo aumentando ou diminuindo o seu número, muito menos, lavando, polindo ou colorindo as cascas das mesmas.

A título de sugestão apenas: a tarefa árdua e difícil de análise e de apontar soluções reais para melhorar o conteúdo dos programas de TV, fato que tanto preocupa o governo e os telespectadores, deve ser entregue a um grupo interdisciplinar de brasileiros realmente capazes de pensar o problema, não em termos de aparência, mas de uma maneira realística e objetiva.

LUIZ GUTEMBERG — JORNALISTA (VEJA)

A TV brasileira é boa quando não presta. No domingo absurdo em que todos os canais exibiram "Seu Sete", esbofetando e enojando a sociedade brasileira, perplexa com o inesperado flagrante, convenci-me de que a nossa TV vivia uma de suas melhores horas, de absoluta autenticidade. As reações seguintes — revolta, pânico, censura, ameaças — deram-me razão. Lembrem-se das pessoas importantes — advogados, militares, médicos — que acompanhavam e testavam as curas do Seu Sete? Lembrem-se da babaquice contrita, respeitosa e imparcial do Flávio Cavalcanti? Das honestas lágrimas do Chacrinha? Dos pobres ângulos com que as câmeras captaram o "happening" que foi a



A luta pela audiência multiplica os personagens, revelando apelos diferentes em nossa televisão. Norminha, um dos vários tipos criados por Jô Soares, encara o humor como mensagem predominante. Será que a TV no Brasil é só uma piada?

cena da "hora grande" de Seu Sete? Da cachaçada geral e do gole dado à criacinha? Dos discursos dos políticos picaretas e jornalistas idem que acompanhavam Seu Sete? A impostura do Seu Sete não deve nada a impostura permanente de nossa TV, cujos mitos em nada diferem do Seu Sete. Nem ao menos são divertidos. São caóticos, tristes, ignorantes, reacionários, obscurantistas. Ressuscitado, o Padrinho Ciço, do Juazeiro, bateria recordes de IBOPE. Não acredito, também, que o povo brasileiro seja imediatamente receptivo a algo menos pobre. Mas, não vejo desafio mais empolgante neste país que a execução de um projeto de TV popular que não use o povo apenas como instrumento de consumo, mas, que seja de fato um instrumento de verdade, arte (vão parar com esses conceitos elitistas de arte?), idéias e liberdade. Os sussurros atuais, na base do "Flávio Cavalcanti é melhor que Silvio Santos", não significam nada. O Seu Sete é os dois, nus.

ANGELA BIAGGIO — PSICÓLOGA

Como psicóloga, especializada em Psicologia do Desenvolvimento, gostaria de discutir em linhas gerais o problema da influência que o assistir determinados tipos de programa tem sobre o comportamento das crianças.

Segundo os estudos experimentais mais recentes, o comportamento da criança é moldado de acordo com dois princípios, o "modelo" e o "reforço". Modelo indica que a criança adquire comportamentos através da simples observação. Os estudos do psicólogo Bandura, da Universidade de Stanford demonstram que a criança adquire comportamentos agressivos através da simples observação de modelos agressivos. Mais importante ainda, em um experimento, Bandura demonstrou que as crianças imitaram os comportamentos agressivos de um modelo filmado tanto quanto os de um modelo presente, em pessoa.

Outros estudos demonstram que há mais imitação quando o modelo tem mais "status", como por exemplo na pesquisa de Lefkowitz, Blake e Mouton.

Assim, os modelos apresentados na TV têm grande probabilidade de serem imitados devido ao prestígio dos "heróis" apresentados, seja apresentador, herói de filme, etc.

O princípio de reforço também deve ser considerado. Em geral, os modelos apresentados em TV, mesmo quando apresentam comportamentos desaprovados socialmente são "reforçados positivamente" (com riso, atenção, prestígio), ou pelo menos não são punidos, o que torna ainda mais provável a imitação de seus comportamentos.

De Noel a Caetano, a Música Popular Brasileira andou, desandou, perdeu o rumo. O perigo da descaracterização dos sons brasileiros soprou de leve, depois se afastou. Agora, a música trocou de camisa. Vai vestir bem ou vão tocar fogo nela?

Sérgio Meireles e Amália Maranhão

Uma saída para a MPB

Numa mesa de bar, entre um bate-papo de amigos, uma caixa de fósforo marcava o ritmo da conversa. De repente, essa caixa fez o compasso de um samba, a conversa virou letra de música e surgiu a primeira manifestação musical autenticamente brasileira. Era Noel Rosa. Ele contaminou os violões da Lapa e Vila Isabel, mais tarde desafinados pela Bossa-Nova. Esse movimento começou a andar até "as florzinhas e azuizinhos" se perderam entre os sons da guitarra tropicalista.

Depois muitos nomes ligados à MPB (Caetano, Gil, Chico, Vandre, e Edu Lobo) foram embora do Brasil. Um vazio ficou. Nele entraram os movimentos de âmbito mais universal: o soul, o pop e outras experiências musicais, que serviram de abertura para o público brasileiro. Agora, com o pessoal novamente no Brasil dentro de um novo esquema de trabalho, muita coisa pode acontecer.

Os meios de divulgação da música na década de 40, por terem um alcance mínimo, limitavam-na às rodas de samba em casa de amigos e ao público dos subúrbios onde ela surgiu.

Depois de Noel, muitos surgiram: uns voltados para a mesma temática social do poeta da vila e outros falando dos problemas sociais. Dessa época são: Assis Valente, Sinval Silva, Ary Barroso, Pixinguinha e Dorival Caymi.

Com o advento da televisão, a música brasileira deixou de nos pertencer e passou a ser uma cópia mal feita dos sons americanos daquela época. Versões em massa invadiram com força total todo o país: "I had to be you", "A ponte de Waterloo", "Luzes da Ribalta" e "Rapsódia Azul", geralmente trilhas sonoras de filmes que alcançaram sucesso.

Contra tudo que vinha sendo feito, Dolores Duran, Antonio Maria, e Luiz Bonfá avançaram sem medo e deram um novo aspecto ao romantismo na música. Chegaram a influenciar, de certa forma, os bossa-novistas que surgiram.

Em 1958 apareceu a bossa nova, que teve no seu início um alcance puramente urbano: Intelectuais da Zona Sul carioca desenvolviam sua musicalidade apoiados num pouco de samba de Noel misturado ao ritmo improvisado do jazz. Com temas que falassem de flor, sorriso, mar, azul e paz, constituíram um tipo de música voltada para a forma simples de ver as coisas, concentrando-se, basicamente, no intimismo (indivíduo para indivíduo). O compositor Herminio Bello de Carvalho observou porém que "a temática bossa-novista era farta em florzinhas e azuizinhos, um oceano onde jamais o dedinho de Deus ousou baixar uma tormenta".

Pouco a pouco a bossa-nova foi valorizando a música brasileira e assumindo variantes diversas. A realidade tornava-se tão gritante que motivou a afirmação do movimento voltado para a temática social. Nara Leão subiu ao morro e desceu cantando as suas dores, ao lado de Zé Ketí. Não se esqueceu também da miséria e das injustiças sociais contadas por João do Vale, que logo vieram a perder-se festivamente nas areias e chopes de Ipanema.



Nara Ia. fase:
porta voz do protesto

Apareceu então Chico Buarque de Holanda. Falou da realidade social no mais puro estado poético, que iria de um "Pedro Pedreiro" até "Carolina" e assumia a dor de todo o mundo.

Uma revolução se processou através do Chico Buarque e Vinícius de Moraes. Antes deles, havia aquela repetência de valores poéticos hiperconsumidos. A massificação de Vinícius e Chico se evidenciou logo, influenciando os que viriam.

Chico explorou de maneira direta e "não festiva" todo um contexto social, trazendo o mais puro romantismo até a mais agressiva das verdades, como hoje verificamos se olhamos de perto a sua "Construção".

O fenômeno "festival" começou em 1965, com Edu Lobo e seu Arrastão. O êxito de músicas como A Banda e Disparada, as disputas de torcidas organizadas em teatros lotados, a presença maciça de estudantes demonstraram a força dessas promoções. No entanto, os festivais apenas serviram para transformar a criação de música em verdadeira "corrida do ouro", feita nas mãos de uma "Máfia", responsável por este tipo de competição. Ao contrário, alguns acham que "o interesse despertado e os prêmios oferecidos nos festivais possibilitam, favorecem e obrigam a renovação da música brasileira".

E foi exatamente no festival de 1967 que Caetano e Gil, acompanhados dos Mutantes "caminharam contra o vento". Com "Alegria, Alegria", e "Domingo no Parque" e mais tarde "Tropicália", desfraldaram a bandeira tropicalista. Caetano e Gil romperam com a estrutura melódica e poética formal e, como na expressão de Oswald de Andrade, "começaram a ver com olhos livres as cores do Brasil".

O movimento não trouxe apenas uma mudança nos conceitos musicais; impôs também novos padrões de comportamento. Era a efervescência da contestação e do uso consciente da guitarra elétrica. Com seus cabelos grandes, suas roupas coloridas, aliados aos movimentos acrobáticos, provocaram um fenômeno de repetição em massa. Estava inaugurado um ciclo importante, dentro da poética musical brasileira.

Depois, a música brasileira ficou praticamente estacionada. Caetano, Gil, Edu, Chico, Nara e Egberto Gismonti não estavam no país (desde início de 1969). Nesse período, o som pop, o soul music vindos da Inglaterra e Estados Unidos, encontravam aceitação por parte dos jovens brasileiros, encucados ainda com os efeitos deixados pelo tropicalismo. Apareceram Ivan Lins e Tim Maia, nenhum deles, no entanto, conseguiu preencher o espaço vazio deixado pelo pessoal "lá fora".

Terminava em 1969 a parte da história da MPB que havia começado em 1958, ganhando força a partir de 62, mas entrando em declínio em meados de 1968.

Todos voltaram ao Brasil em 1971, enquanto Caetano e Gil lançavam aqui suas pesquisas feitas em Londres.



Ele provou que música popular
pode ser universal
sem perder raízes.



Milton no seu silêncio criador diz:
 "Quando se fala muita bobagem em mesa de bar
 não se consegue ter boa cabeça para fazer música".

Uma nova história da música brasileira está acontecendo com o retorno de toda essa gente ou a crise permanece?

Milton Nascimento nunca perdeu tempo discutindo essa crise, preferiu fazer música. "Todo mundo diz que ficou parado porque não dava para trabalhar, não havia condições, o público estava ruim. Eu não parei em momento algum. Gostaria de lembrar aos compositores que eu briguei muito para continuar trabalhando sem precisar ir embora do Brasil. Há quem diga que não entende meu trabalho, não entende minha música. O problema é que muita gente tem medo de falar, de ouvir, de ver o que está acontecendo. Medo de se expor ao mundo. O que não farei é entrar em grupinhos: na verdade, foram estes grupinhos de compositores que acabaram com a "boa fase" de quatro anos atrás. Quando se fala muita bobagem em mesa de bar não se consegue ter boa cabeça para fazer música".

Carlos Lyra não tem preocupações em relação ao lado "bonito" da música. Acha que sua posição é exatamente a de um repórter, que usa a estética para retratar uma situação. "A minha grande preocupação é mudar tudo, buscar novos ângulos para tudo. Não quero saber que tipo de som a maioria das pessoas procura, mas sim o tipo de homem que elas procuram. Não adianta eu olhar para trás e ver uma porção de coisas bonitas que eu fiz. Quero libertar-me dessa sombra".

Depois de percorrer as universidades de todo o país, Sérgio Ricardo acha muito difícil hoje falar de caminhos de nossa música, sem que se tenha conseguido saber até que ponto a máquina estará disposta a encampar uma nova perspectiva. E conclui: "A turma de novos compositores vem cantando uma



realidade muito forte, um tipo de música que parece ter vindo diretamente do osso, sem a delizadeza da pele e sem a dor da carne. Acho que o estudante é o único tipo de público capaz de acompanhar ou até determinar uma transformação cultural. Pode, a

partir do momento em que fizer sua opção por uma determinada transformação, influenciar o grande público".

De dentro de seu "expresso 2222", Gilberto Gil diz: "É preciso colocar em nossa percepção os nossos dados mais generosos, mais íntegros, mais autênticos. Nós precisamos voltar a ser espontâneos, precisamos voltar a ser nós mesmos, para descobrir o que virá de novo, o que está vivo, porque atrás do trio elétrico só não vai quem já morreu, não é?".

Caetano, que no tropicalismo dizia que era preciso entrar em todas as estruturas e sair de todas elas, depois que voltou de Londres diz o seguinte: "O tipo de música que eu vinha fazendo não é bem música. O que eu faço é um negócio que diz respeito a várias formas de arte... Acho que no Brasil há um grande problema com relação à criação cultural, por causa do subdesenvolvimento. Na verdade, quando eu estava cantando todo este processo pop, eu não me referia a um movimento de reaproximação com a MB. Eu continuo fazendo música, não sei em que classificação podem ser colocadas, também não me interessa que sejam classificadas, não sei o que vou fazer depois. Não é nenhuma ambição nacionalista da minha parte querer afirmar meu país frente aos outros. É preciso dizer que é preciso mostrar às pessoas os muros do nosso confinamento".

É cedo para se preocupar em definir os caminhos da música brasileira. Mesmo porque as definições não têm grande importância. Os donos da verdade, eternos codificadores e pretensos donos da MP, não perceberão jamais "que há um oceano de verdades e rumos" e navegar é preciso.

A reforma mudou a Universidade?

José Humberto Netto

Para onde vai a universidade brasileira? Ainda hoje, quatro anos depois que o presidente Costa e Silva decretou o início da implantação da Reforma Universitária, a pergunta permanece sem resposta.

A universidade no Brasil baseava-se numa estrutura arcaica, onde vigorava a cátedra vitalícia, as faculdades isoladas, remuneração insignificante do corpo docente, poucos e mal aparelhados laboratórios e bibliotecas.

O Governo, através do Ministério da Educação e Cultura, tentou mudar esta situação, descobrir novos caminhos, mas a dúvida persiste: com a Reforma Universitária aconteceram as transformações necessárias?

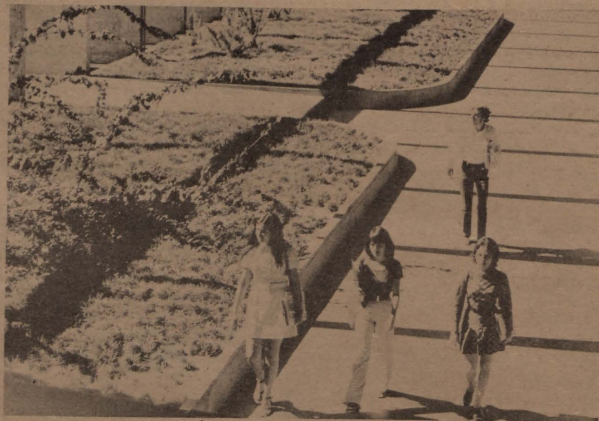
É verdade que a Reforma, na maioria dos estados, não passa de projeto. Lançada num período em que o país vivia uma das mais sérias crises estudantis de sua história, ainda é pouco conhecida nas escolas de nível superior brasileiras.

Porém, alguma coisa mudou para melhor. A Educação foi considerada área prioritária e segundo o Ministério do Planejamento, os dispêndios efetuados pelos governos Federal, Estaduais e Municipais são infinitas vezes superiores aos de antes: Cr\$ 23,900 milhões para o período 1970/73.

Entretanto muitos pensam que o problema não é essencialmente dinheiro, mas sim algo mais complexo, envolvendo uma série de estruturas sócio-culturais.

Talvez estejam certos, mas é inegável que dinheiro ajudaria bastante a mudar essas estruturas deficientes.

Crêem os otimistas, que com a Reforma devidamente implantada e o aparelhamento humano-tecnológico, a universidade brasileira consiga abranger os três aspectos básicos de uma verdadeira universidade: Ensino, Pesquisa e Extensão.



Depois das crises, a universidade brasileira procura novos caminhos

ENSINO

Diversos problemas estranham o ensino na universidade brasileira: a ausência de infraestrutura, condições materiais, o número insignificante de professores atuando sob o regime de dedicação exclusiva. Tudo isso faz da nossa universidade uma instituição desacreditada.

O ensino de 1o. e 2o. graus recebeu, em 1971, uma atenção especial do Ministério da Educação e Cultura, que inclusive preparou e está implantando a reforma do ensino fundamental.

Para este ano, o ministro Jarbas Passarinho tomou a resolução de fazer o MEC dedicar-se mais ao ensino superior. Entre os objetivos principais para 1972 estão: a implantação dos centros regionais de pós-graduação, integração escola-empresa-governo, aquisição de equipamentos para serem doados às escolas.

Será olhada com especial atenção a Reforma Universitária. Ela implicará na substituição da atual estrutura, baseada fundamentalmente no sistema de cátedras e faculdades isoladas, por outra mais flexível, com unidades acadêmicas integradas racional e funcionalmente permitindo a formação

geral e especializada do estudante e o cultivo de todas as disciplinas.

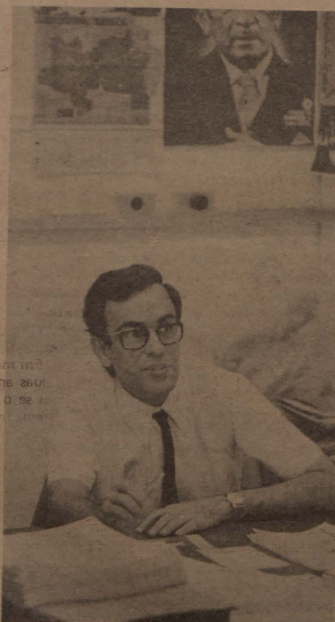
O PROFESSOR E A REFORMA

Para Osvaldo Martins Reis, professor da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB, a reforma "nada mais é que colocar a universidade brasileira dentro da realidade nacional. Com o desaparecimento da cátedra, a criação do Departamento que é a unidade administrativa, acredito que a universidade se estrutura para o momento atual."

Mas o prof. Reis faz uma advertência: "a reforma universitária deve ser encarada como um processo contínuo, que obriga a revisar e avaliar constantemente o fato, para ajustá-la às novas circunstâncias e necessidades."

PROBLEMAS DA REFORMA

Embora afirmando que a reforma é irreversível, o prof. Newton Sucupira, membro do Conselho Federal de Educação admite que "poderão ser necessárias algumas mudanças. A principal dificuldade surgiu com a seleção específica. Ao final do Ciclo Básico, os alunos



Reis: é difícil definir pesquisa

seriam classificados de acordo com suas notas, para os cursos optados. Porém, certos cursos, como Medicina, recebem muitas opções e os alunos correm o risco de ser aliçados da universidade, mesmo depois de aprovados no vestibular."

Agora o aluno faz uma pré-opção, que o vincula automaticamente ao curso pretendido, adquirindo o direito de, havendo vagas, movimentar-se entre carreiras de uma mesma área de ensino.

A PESQUISA

Segundo o presidente do Conselho Nacional de Pesquisas, General Façanha, de abril de 1969 até fins de 1970, regressaram ao país 203 pesquisadores brasileiros, portadores de títulos de mestre e doutor.

Um dos que retornaram recentemente, o prof. José Israel Vargas, da Universidade Federal de Minas Gerais, que saiu de Belo Horizonte em 1966, a

convite do Comissariado Francês de Energia Atômica, permaneceu durante seis anos pesquisando em Grenoble.

Segundo o prof. Vargas, na UFMG, e em toda a universidade brasileira, "é indispensável resolver a questão dos quadros intermediários. Na situação atual, minha cadeira, que conta com 25 formados, dispõe apenas de um técnico de nível médio e três serventes. Em contraste, na Europa e Estados Unidos, a proporção é de três ou quatro técnicos para cada pesquisador."

Para aliviar o problema é indispensável não só a volta de cientistas brasileiros que se encontram no exterior, como a injeção de cientistas estrangeiros em nossas universidades e centros de pesquisas.

CENTROS DE POS-GRADUAÇÃO

Um dos problemas sérios do Brasil de hoje é o reduzido número de pessoal no corpo docente. Com a implantação dos centros regionais de pós-graduação visa-se sobretudo suprir o vazio existente no mais alto nível de formação de recursos humanos no Brasil, nos graus de mestre e doutor.

Estudos estão sendo feitos para possibilitar o funcionamento de, pelo menos, um curso de pós-graduação em cada área considerada prioritária.

TEMPO INTEGRAL

Hoje o professor de nível superior no Brasil é fundamentalmente idealista.

Tentando solucionar o problema da má remuneração do corpo docente existe em funcionamento um plano da CO-PERTIDE — Comissão Permanente de Tempo Integral e Dedicação Exclusiva, do MEC — que visa ampliar o número de professores de nível superior vivendo unicamente em função da universidade.

Mas, na prática, o que se vê é que, apesar do plano mostrar alguns resultados, ainda é restrito o número de professores atingidos por ele: apenas 3.209 dos 9.000 professores das universidades federais do País.

FASE EMBRIONÁRIA

É bastante discutida a situação da pesquisa na universidade brasileira.

O prof. Antonio Vivacqua Filho, do Departamento de Engenharia Agrônômica da UnB crê que "de uma maneira geral, em toda a universidade brasileira é muito falha a pesquisa, principalmente a tecnológica. Na UnB a pesquisa praticamente inexistiu: para mim, a pesquisa na universidade brasileira, e na UnB, está ainda numa fase embrionária."

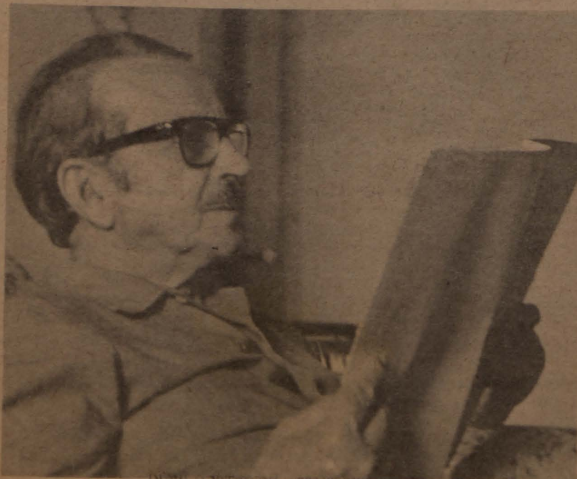
Esta posição não é, porém, a de muitos outros. Para o prof. Osvaldo Martins Reis, da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB, "é muito fácil falar em pesquisa, difícil é defini-la. Na universidade brasileira e na UnB está-se fazendo pesquisa. O volume pode não ser tão grande, no caso específico da UnB, porque se trata de uma universidade nova, que está consolidando suas áreas de graduação. Outra coisa é que o Governo dividiu o país em centros de referência, para melhor distribuir os recursos a serem aplicados. O centro de referência mais próximo daqui é Belo Horizonte. Porém isso não impedirá que se faça pesquisa na UnB. Só que ela não será feita, por enquanto, em elevado volume."

EXTENSÃO

Tão importante como as funções de Ensino e Pesquisa é o serviço de extensão que deve ser realizado pela universidade.

Hoje, estudantes de vários cursos partem para o interior do Brasil, ajudando às pessoas de lugares distantes a viver uma vida mais digna, humana, menos rude. São os componentes do "Projeto Rondon", "Operação Maúá" e diversos outros organismos, que executam o trabalho da extensão universitária.

Para melhor promover a extensão serão criados, pelas universidades, Centros Regionais Universitários de Treinamento e Ação Comunitária, —CRUTAC— e também alguns "Campus" Avançados, sendo os primeiros nas regiões geo-econômicas em que se situam as próprias universidades e os "Campus" em outros locais considerados de maior interesse para o desenvolvimento econômico e social.



Vivacqua: a pesquisa é um simples embrião

"CADA TIPO DE SOCIEDADE, DE CRENÇA OU DE INSTITUIÇÃO, CADA GÊNERO DE VIDA, CONSTITUEM UMA EXPERIÊNCIA TODA ELA REALIZADA E PREPARADA POR UMA HISTÓRIA MILENAR; E É, NESTE SENTIDO, INSUBSTITUÍVEL".
CLAUDE LÉVI-STRAUSS

Eram 4 milhões, hoje são 200 mil

Alda S. Jesus e Gildete D. Rocha

Na época do descobrimento, eles eram mais de 4 milhões; hoje, são menos de 200 mil. Se a população indígena continuar diminuindo, o Brasil corre o risco de passar à História como o país que, logo depois dos Estados Unidos, praticou o maior massacre contra índios no mundo. Quais as causas do desaparecimento do índio brasileiro?

Na opinião de Ney Land, antropólogo, professor universitário, com dez anos de vivência entre índios e Diretor da Divisão de Estudos e Pesquisas da FUNAI, as causas do extermínio das populações indígenas poderiam ser assim resumidas: o erro tático das missões ao lidar com os índios; a falta de elemento humano qualificado; a falta de dinheiro; os interesses políticos; o contato com as frentes pioneiras; a invasão das terras indígenas (desarticulando a vida tribal e ocasionando a escassez alimentar); o contágio por vírus e micróbios levados pelos civilizados e para os quais os nativos não possuem remédios (gripe, sarampo, tuberculose, doenças venéreas); a mistura com outras raças; e as guerras intertribais.

Os missionários, por exemplo, durante muitos anos atuaram junto dos índios cercados de uma áurea de "abnegados". Os livros e a propaganda divulgaram uma imagem dos missionários como os modernos apóstolos da salvação dos pagãos do século XVI. Sem desmentir as boas intenções das missões — ainda existem muitas trabalhando nas áreas indígenas, onde mantêm escolas, dão assistência médica e fazem trabalho de conversão religiosa alguns antropólogos asseguram que, sem querer, os religiosos foram culpados de muitos pecados cometidos contra o índio. Isto porque incutiam nos índios uma nova crença, ao mesmo tempo que lhes proibiam fazer culto aos seus deuses. Para os missionários era importante a conversão do indígena. Era preciso salvar aquela gente de suas crenças primitivas. Era necessário ensinar-lhes Deus. Se esqueciam de que os índios também têm seus deuses e uma cultura que não pode ser violentada sem consequências desastrosas.

A situação agora parece estar mudando: todo o movimento de padres e freiras junto das populações indígenas está sendo controlado. E a própria Igreja mudou sua visão do problema indígena. Junto aos missionários trabalham agora enfermeiros, professores, todos sem a preocupação da catequese. Estão mais preocupados em fazer a auto-promoção do indígena, incentivando inclusive as suas festas religiosas. Um exemplo é a Missão Anchieta que vem fazendo um trabalho junto aos

índios Parecis — difíceis de lidar — com bons resultados: os Parecis já plantam roças e criam cabras.

No Brasil a falta de elemento humano qualificado e a inexperiência de pessoas que se propõem a fazer o contato com o indígena, já provocaram resultados fatais, como é o caso da missão do Padre Calleri, que Ney Land relata assim: "O Padre Calleri tinha um curso de Antropologia de seis meses, vivia há quatro anos no Brasil entre os Mucuxis, índios tão mansos que já andam vestidos como os civilizados. E com essa experiência foi fazer atração dos Atoris e Waimiris que tem horror a máquinas fotográficas. O Padre Calleri levou duas. Quando um índio quis um prato de matéria plástica o padre Calleri disse que não dava. O índio insistiu, ele deu tiros para o ar. À noite, os índios massacravam os elementos de expedição.

Tentando resolver o problema da falta de elemento humano, a FUNAI assinou convênio com a Universidade de Brasília para formar chefes de postos indígenas, que recebem salário acima de Cr\$ 2 mil cruzeiros. Qualquer pessoa de nível médio pode se inscrever, com exceção de mulher. O índio não gosta de ser mandado por mulher.

As inscrições são abertas em todos os lugares do Brasil onde existem Delegacias da FUNAI. A seleção dos candidatos é feita através de uma prova de Conhecimentos Gerais e Teste Psicotécnico. Os aprovados fazem o curso aqui em Brasília. No Hospital de Sobradinho aprendem medicina preventiva, a diagnosticar certas doenças simples e como deve ser feita a medicação do paciente. Durante o curso são dados ensinamentos sobre rádio, mecânica, projetos de agricultura e pecuária.

O período de preparação do Técnico Indigenista é de cinco meses. Dois meses de curso e três na mata fazendo estágio em posto indígena. Durante esses cinco meses o estagiário ganha 450 cruzeiros mensais. Depois da avaliação através de relatório e da opinião dos Delegados, os estagiários passam técnico indigenista com salário mensal acima de 2 mil cruzeiros.

A FUNAI tem sido criticada por jornais, mas segundo Nei Landi ela luta com um problema financeiro muito grande.

A invasão das terras dos índios pelos brancos é outro problema que, segundo Nei Landi, a FUNAI só pode resolver a longo prazo, justamente por causa do tempo que os processos levam em tramitação na Justiça.



Com o que a natureza dá eles vivem muito bem

A cultura do índio

Com o que a natureza dá ele vive muito bem, e assim tem feito há milênios. O homem branco penetra no seu território, com as facilidades que o avião e a cartucheira permitem. E quando estes dois diferentes seres se aproximam, é o índio quem acaba subordinado ao branco, mais poderoso.

Muitas questões sobre o índio permanecem sem respostas, apesar da aproximação. Por outro lado, o índio também se pergunta: de onde vêm estes estranhos?

PASSAGEM PELA PUBERDADE

Enquanto na nossa sociedade se conhece que um rapaz passou pela puberdade quando ele começa a engrossar ou afinar a voz, os índios usam métodos bem diferentes para indicar esta passagem, pois nesse momento, chega a hora do casamento.

Em algumas tribos, a moça fica enclausurada durante sete dias, e, neste período, os seus pretendentes oferecem presentes ao pai dela. Em outras, o rapaz vai para a casa dos homens aprender a ser guerreiro para, na "corrida de tora", conseguir correr com os 50 quilos exigidos na prova de aptidão ao casamento.

INSTITUIÇÃO DE AMANTES

O índio não conhecia a pederastia e a prostituição. Ele aprendeu com o branco.

Em muitas tribos há a instituição de amantes. Todo índio tem a mulher e duas amantes. Esta instituição mantém coeso o grupo e não há incesto. Mas se o branco chega na tribo e arranja uma amante, desarticula todo o sistema familiar do índio.

As mulheres da tribo que não quiserem casar, por preferirem vida mais "livre", são as prostitutas da aldeia, podendo manter relações sexuais apenas com os solteiros.

ÍNDIO NÃO TEM ANTICORPOS

As doenças dos índios são em geral levadas pelos brancos. A cárie é uma delas. Índio não possui Cárie: uma índia de 60 anos que nunca tenha entrado em contato com o branco, tem todos os dentes. As gengivas podem estar gastas, mas os dentes, não.

A gripe no branco se cura com um simples comprimido. Mas uma gripe na aldeia de índio faz uma dizima de 80%. Sarampo, coqueluche, tuberculose, qualquer destas doenças acaba com o índio. Mas para as suas próprias doenças eles possuem remédios. Só em casos raros o índio morre de malária.

Bem antes das mulheres começarem a usar pílulas feitas em laboratórios, o índio já preparava uma bebida que a índia toma e não engravida. Quando quer ter filho, toma outra e engravida no dia seguinte.



Feita a atração é necessário preservar o índio

Qual o verdadeiro significado da Semana da Arte de 22? Criar ou Recriar? Revolucionar ou Imitar? Parece que os modernistas daquela geração estavam antes de mais nada a procura do Brasil, e para encontrá-lo tiveram que recorrer ao estrangeiro.

A verdade é que passados 50 anos, o movimento continua, sempre que abordado, a suscitar polémicas e contradições, mesmo porque os próprios idealizadores da Semana, na época, não tinham delineado os seus verdadeiros objetivos e princípios.

O que aconteceu foi que o Brasil já acostumado a ser um mero importador de idéias estrangeiras acordou para si mesmo em 22, com Mário de Andrade e Oswald, com Villa Lobos e Di Cavalcanti, com Tarsila e Anita, e tantos outros que resolveram sacudir com a nossa eterna submissão cultural.

Para discutir este assunto — a Semana de 22 — ouvimos dois professores do Instituto de Letras da UnB: Cassiano Nunes, da cadeira de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura, que durante dez anos foi consultor literário da Editora Saraiva, tendo inclusive dado um curso sobre Poesia Brasileira Moderna na Universidade de Heidelberg; e Aglaeda Facó, professora, Colaboradora de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura.



Macinaima: no cinema o nacionalismo da Semana

50 anos de uma semana em debate

Carlos Max Torres

Campus — Do ponto de vista literário qual a principal contribuição da Semana de Arte de 1922?

Prof. Cassiano — Para mim as duas principais idéias estéticas do movimento modernista brasileiro foram a liberdade de criação (a repulsa pelas convenções) e a procura de uma arte brasileira autêntica.

Profa. Aglaeda — Em sentido estritamente literário, o modernismo se propôs caminhos que realizou em toda plenitude. Uma só palavra resume suas contribuições: liberdade. Liberdade de idéias, de temas, de expressão, enfim, uma arte de criação em oposição a qualquer arte de imitação.

CAMPUS: É sabido que o brasileiro é um nacionalista por etapas. Naquela época parecia que o nacionalismo era cantar a língua e executar o estrangeiro. Entre o nacionalismo de hoje e o dos modernistas de 22, quais as diferenças básicas?

Profa. Aglaeda — Não creio que existam diferenças básicas entre o nacionalismo de 22 e o

de hoje a não ser aquelas decorrentes da própria dialética da história. Eles, os intelectuais de 22, foram os pioneiros. Abriam caminhos a picareta, nós estamos colocando o asfalto.

Campus — Muito se discute a respeito de nossa cultura. Há quem afirme que estamos na fase de importação de moda e música. A nossa literatura já é auto-suficiente ou ainda busca em outras civilizações a base para a sua formação?

Prof. Cassiano — A cultura de uma nação não pode ser isolacionista, do mesmo modo que não pode ser entreguista. Precisamos de todos. Creio que as influências de fora mais nocivas chegam hoje não através dos meios intelectuais mas, de veículos de cultura de massa. Um exemplo típico é a máfia internacional do disco.

Profa. Aglaeda — Nenhuma cultura, nenhuma literatura é auto-suficiente, inseridas que

estão todas num processo universal. Quanto à cultura e à literatura brasileiras me parecem, hoje, autênticas. A xenofobia e complexo de colonialismo.

Campus — Qual o significado político-social do movimento?

Prof. Cassiano — A semana, indiretamente talvez, mas, de maneira eficiente desmoralizou o personalismo brasileiro, isto é, colpeou os interesses da nação, do povo, acima dos interesses de pessoas ou de grupos. Falava-se tanto no aristocracismo da Semana como se a mesma não tivesse, pelo menos, disparado um sentido social que se difundiu em todas as áreas. Para mim este bofetão no personalismo é um fato irreversível e esta foi a maior vitória da semana.

Profa. Aglaeda — O modernismo foi um movimento cultural. O significado político-social foi paralelo. As consequências da primeira guerra mundial, a revolução russa e outros

movimentos políticos tinham dividido todo o mundo em esquerdas e direitas. Os intelectuais brasileiros não podiam fugir a estes compromissos ideológicos e políticos.

Campus — Porque a Semana com toda a sua fúria foi realizada em São Paulo?

Prof. Cassiano — Devido principalmente ao predomínio econômico e político de São Paulo na época.

Profa. Aglaeda — A semana traduziu um estado de espírito que há vários anos se vinha sentindo, não só em São Paulo, mas em todo o Brasil. Os paulistas contaram com um número mais dinâmico de escritores e, certamente, com melhores possibilidades econômicas. Para os inimigos do movimento isto se deve à falta de distrações que a cidade oferecia. O fato da cidade não ser ainda uma metrópole, favoreceu o "escândalo" muito útil à semana.

Campus — Em síntese o que representou a Semana de 22, para o nosso contexto cultural?

Prof. Cassiano — A pergunta é breve, uma boa resposta deveria ser muito longa. Esteticamente o triunfo do modernismo é concreto, palpável. Essa livre, rica e variada floração de artistas nos últimos 50 anos demonstra a validade dos postulados artísticos da Semana. Desde Bandeira, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes e João Cabral a Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Trevisan e João Antônio, no campo das letras. Nas artes plásticas, de Portinari e Pancetti a Milton da Costa e Bonader. No urbanismo de Lúcio Costa aos jardins de Burle Marx à defesa do patrimônio histórico de Rodrigo Melo e Franco Andrade. Na arquitetura, Niemayer e seus seguidores. Na música de Villa-Lobos a Santoro. A Sociologia de Florestan Fernandes a Darci Ribeiro, a economia de Celso Furtado, o cinema de Humberto Mauro a Glauber Rocha, o teatro de Oswald a Jorge de Andrade.

Isto é uma pequena mostra do que foram capazes direta ou indiretamente os modernistas de 22. Devemos destacar que o modernismo ainda não esgotou todas as suas possibilidades. Desencadeou apenas um processo. Ele ainda criará novas formas, valores e consequências. Numa frase, o modernismo brasileiro não acabou.

Profa. Aglaeda — A principal consequência do movimento foi instaurar no Brasil condições para as vanguardas, isto é, criar um clima permanente de aceitação à dinâmica "rutura-tradição", que é um movimento dialético sem o qual qualquer cultura entra em processo de involução. Foi Guimarães Rosa quem realizou, em toda a plenitude, os postulados de 22 e é necessário que se faça urgentemente uma nova semana das Artes Brasileiras, para que se retomem e atualizem as linhas mestras do modernismo. Pois uma nova mentalidade retrógrada começa a se instalar em nossas letras.

EXPEDIENTE

CAMPUS — Jornal Laboratório do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília — 1o. semestre de 72.

Professores Responsáveis — José Salomão David Amorim, Luiz Gonzaga Figueiredo Motta e Newton Diniz

Monitoria — Maria de Lourdes Oliveira

Equipe: Alda Silva de Jesus — Amália Maranhão — Andrea Lage Guaraciaba — Beatriz Maria do Prado — Carlos Antônio Campos de Macedo — Carlos Max Torres — Elza Soares Pereira — Eunice Varella Negreiros — Gildete Desidério Rocha — Hebe Machado Guimarães — José Humberto Netto — Licia Maria Gomes de Galiza — Sérgio Antônio Meirelles — Yeda Esterilda de Abreu.



Aglaeda: Nenhuma cultura é auto-suficiente

Gláucio Ary Dillon Soares é Sociólogo, ex-diretor da Escola Latinoamericana de Sociologia, em Santiago, Chile. Professor da UnB, tem 50 trabalhos publicados. Nesta entrevista fala sobre os problemas da Sociedade na América Latina



Sociologia em busca de nossa realidade

Beatriz Prado

CAMPUS: Muitas pessoas dizem que o sociólogo estuda, se especializa, faz pós-graduação, apenas para ensinar a outros que, por sua vez vão ser também sociólogos para ensinar a outros futuros sociólogos. Que acha disto?

GLÁUCIO: Eu não acredito que a função de um sociólogo numa Universidade seja formar professores de Sociologia que vão formar professores de Sociologia, que vão formar professores de Sociologia. Eu acho que fundamentalmente nós temos duas outras funções de importância. A primeira é o desenvolvimento de uma disciplina que é muito pouco desenvolvida pelos critérios das Ciências Exatas. Nós não temos controle, nem previsão, nem possibilidade de experimentação e, em termos estatísticos, a variação que nós explicamos é muito pequena. Serão necessárias muitas décadas até que consigamos resultados melhores. A segunda função é a formulação de uma ideologia nacional e latino-americana a partir de um certo conhecimento da nossa realidade.

CAMPUS: O Sr. poderia explicar melhor?

GLÁUCIO: O que quero dizer com isso é que as políticas elaboradas em países latino-americanos têm sido simples reflexo das teorias vigentes nos países mais desenvolvidos. Aceitamos durante muito tempo a balela de países essencialmente agrícolas, voltados para a exportação de produtos primários e para a importação de manufaturados. Em determinado momento tomamos consciência de que isto representava termos de intercâmbio sumamente desfavoráveis.

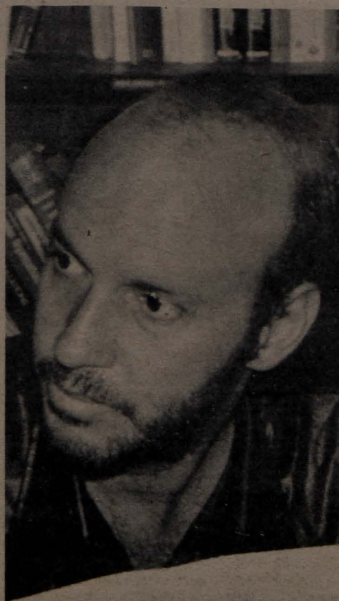
A CEPAL foi muito importante nesta tomada de consciência. Em outro momento, aceitou-se que o que era bom para os países desenvolvidos era bom para nós. Isto não é assim. A tomada de consciência deste fato deveu-se a linhas de trabalho desenvolvidas por latino-americanos, sobretudo a dependência. A dependência, ou mais exatamente, a independência, ainda que seu status epistemológico esteja muito pouco claro, foi tomada como ideologia oficial pelo atual governo peruano. O desenvolvimentismo, certo ou errado, e a afirmação de que os países subdesenvolvidos têm direito a melhores níveis de desenvolvimento, em certo sentido é um componente da ideologia oficial de muitos países latino-americanos. Todas essas posições representam rupturas com posições anteriores, bastante difundidas e cuja origem se situava fora do continente. Neste sentido, é que acredito que existe uma função ideológica para o sociólogo: estudar a realidade latino-americana a partir da própria América Latina e de seus interesses, e não vê-la através do reflexo da perspectiva de autores que tomam como base concreta para suas teorizações países com necessidades e problemas muito diferentes.

CAMPUS: Como anda a Sociologia na A.L. e no Brasil?

GLÁUCIO: Nos últimos 5 a 6 anos houve uma grande produção de trabalhos de sociólogos latino-americanos preocupados com a especificidade da situação latino-americana. Descobrimos, finalmente, que a experiência latino-americana não é redutível às experiências européias, norte-americanas ou soviéticas. Não estamos repetindo um processo histórico anterior, estamos vivendo um processo histórico novo. E a novidade desse processo histórico exige pesquisa nova, paradigmas novos, e teorias novas.

CAMPUS: Poderia enumerar alguns sociólogos que trabalham nesta linha?

GLÁUCIO: Por exemplo, Fernando Cardoso, Pablo G. Casanova, Vilmar Evangelista Faria, Francisco Weyffort, Rodolfo Stavenhagen, Miguel Murmis, Juan Carlos Portan Tiero, José Luiz Reyna, e muitos outros.



Para Gláucio, quem repete não cria

CAMPUS: Há, relativamente, poucos trabalhos sobre o Brasil. A que se deve isto? A falta de interesse ou por que a Sociologia é um campo novo?

GLÁUCIO: O ser recente, evidentemente, tem muito que ver com isso. A definição do sociólogo acadêmico como professor de Sociologia e não como produtor de conhecimentos, também tem muito que ver com isso. A aceitação passiva de teorias importadas foi a grande causadora da baixa produtividade dos sociólogos brasileiros em particular, e latino-americanos em geral. Creio que ao invés de repetir o que disseram os autores clássicos, temos que partir para a análise concreta de nossas situações concretas. É necessário desfazer o mito do diletantismo na profissão de sociólogo, e o mito da intelectualidade. O sociólogo latino-americano deve ser antes de tudo um pesquisador: a América Latina é realidade desconhecida, que não será conhecida lendo e repetindo os trabalhos produzidos em países desenvolvidos, a respeito deles próprios. Em suma: quem repete não cria.

CAMPUS: Qual deve ser a orientação dos estudantes de pós-graduação? Estudar apenas, ou o quê?

GLÁUCIO: Temos sub-utilizado grosseiramente uma das fontes de produção científica, o trabalho dos estudantes de pós-graduação mais avançados. No meu entender, um bom estudante de pós-graduação em seu 2o. ano de estudos tem condições de produzir alguns trabalhos autonomamente, ainda que com orientação, que são relevantes para a construção de um acervo cognitivo a respeito do próprio país. Se estimularmos os alunos de pós-graduação a que realizem pesquisas para apresentação de trabalhos de curso, veremos que alguns desses trabalhos, devidamente revistos e elaborados, são perfeitamente publicáveis e constituem contribuições razoáveis e, que alguns deles são importantes para a constituição de uma consciência nacional e para a ampliação do conhecimento a respeito do país. Esta contribuição é tanto maior quanto é escasso o acervo de trabalhos existentes a respeito do Brasil. Se pudermos manter os estudantes após o Mestrado um a dois anos trabalhando em suas próprias pesquisas, ter-lhes-emos dado condições de continuidade e de cumulatividade de trabalho, que permitirão a produção de obras ainda mais relevantes.

CAMPUS: Quanto ao mercado de trabalho para os sociólogos, o Sr. poderia dizer alguma coisa?

GLÁUCIO: Primeiro, o mercado de trabalho é duplo. Há um mercado de trabalho muito limitado para estudantes de nível de graduação. Há um mercado mais amplo, cuja expansão da demanda é inferior à expansão da oferta, para estudantes a nível de mestrado, e há um mercado em que a oferta ainda está bem por baixo da demanda, a nível de pessoas com doutoramento, com capacidade de pesquisa autônoma, uma grande versatilidade didática, etc. Eu não acredito que Sociologia deva ser profissão de nível de graduação. A taxa de aproveitamento de graduados é baixíssima, e há bastante informação a esse respeito: não se trata de um problema exclusivo do Brasil, mas também da A.L. Uma das razões fundamentais para isso é de que a Sociologia ainda é uma profissão essencialmente acadêmica. Estudos sobre a ocupação dos sociólogos de nível de mestrado e doutorado, revelam que mais de duas terças partes trabalham em instituições universitárias ou para-universitárias, em que o ensino e a pesquisa são suas funções fundamentais.

Crítico de cinema, várias vezes membro do juri de Premiação do Festival de Cinema de Brasília, um dos fundadores do ex-Clube de Cinema de Brasília e professor de Cinema da UnB, Rogério Costa Rodrigues faz aqui uma análise do Cinema Brasileiro: desde seu começo até a crise de hoje. Sua receita para nosso cinema: mais humildade e menos gênios.

Mais humildade e menos gênios

Andrea Lage Guaraciaba

Campus: O que há com o Cinema Brasileiro?

Rogério: O cinema brasileiro vive um dos seus piores momentos. Nas suas várias fases nem tudo correu às mil maravilhas. Quem conhece um pouco de sua história está lembrado das chanchadas, do filme hollywoodiano-brasileiro e da temática super explorada nordeste-cangaceiro. Em todas estas fases, o vigor e a genialidade estiveram presentes. Foram filmes feitos enfrentando toda sorte de dificuldades de uma indústria jovem produzindo para um mercado ainda não explorado pelos próprios brasileiros. Muita coisa foi dita em nossa linguagem, ainda que a maior parte da produção fosse em estilos e moldes importados. A Chanchada, por exemplo, por muito tempo tão pichada, representa uma época de maior aproximação do realizador e o público brasileiro. Os tipos apresentados por Oscarito, Grande Otelo, Eliana e Anselmo Duarte eram a imagem do público, que o público queria ver.

Hoje, ele em nada se parece com o Cinema Brasileiro que se projetou internacionalmente. Perdeu a sua principal característica, a espontaneidade, a agressividade, o vigor de criação.

Hoje, o realizador brasileiro teme a todos. Não encontra apoio no público, nem no exibidor. Tem problemas com a Censura. Sua capacidade criativa está adormecida, e a força estética que tanto caracterizou o Cinema Novo e o Cinema Brasileiro está se perdendo, nas tentativas de ganhar bilheteria.

Campus: Mas o Cinema Novo, pelo menos em sua primeira fase, não atingiu senão a uma minoria de intelectuais que vibrava com as soluções glauberianas.

Rogério: O Cinema Novo morreu, e nem podia existir por muito mais tempo. Não se concebe a industrialização de um cinema de vanguarda, de um cinema experimental, hermético e para intelectuais. O grande defeito do Cinema Novo foi ter sido esteticamente muito avançado em relação ao primitivismo da cultura brasileira. O público não tem capacidade de compreender o fenômeno Cinema Brasileiro, e não compreende, ainda hoje, a problemática do cineasta brasileiro, de formação européia e requintada.

O Cinema Marginal foi uma tentativa de diminuir o distanciamento entre o público e o realizador. Rogério Sganzerla, com o filme "O Bandido da Luz Vermelha", levou para o cinema toda a grossura estética que o brasileiro está acostumado a ver na tevê e jornais sensacionalistas. Este é o público que o cineasta tem de conquistar, gente que assiste Chacrinha e Flávio Cavalcanti. É este o público que confunde as obras de Glauber Rocha e Jece Valadão, dizendo que "o cinema nacional não presta". O cinema brasileiro ao industrializar-se ou procurar discutir a vida brasileira, deve olhar para a classe média, fazendo esforço a fim de atingir a flagrante limitação estética, desta class, sem contudo, partir para as concessões tão nefastas, como a longa série de paqueras e donzelas, que cumprem a obrigatoriedade do filme nacional.



"Vidas Secas": o cinema social.



Chanchada: filmes para o gosto popular.



O Cinema Novo em "Proezas de Satanaz na Rua ou Leva e Traz"

Campus: Há essa preocupação entre os cineastas brasileiros?

Rogério: De certa forma, sim. Cacá Diegues acaba de fazer um filme cujos atores são grandes figuras da Música Popular Brasileira: Bethânia, Nara, Chico. Outro caminho é o de Joaquim Pedro de Andrade, com o seu "Os Inconfidentes". São filmes de reconhecidos cineastas, preocupados com o fenômeno, sua estética e sua problemática.

O cineasta sofre atualmente uma série de limitações. Por receio, tenta colocar nas entrelinhas a sua mensagem. Às vezes é mal sucedido, e o verdadeiro conteúdo desaparece até mesmo para o público mais requintado. "Como Era Gostoso o Meu Francês" é, por exemplo, um filme revisado, passado a limpo, arrumadinho. Não agradou nem ao público que, esperando ver sacanagem, saiu decepcionado com o trabalho sério de Nelson Pereira dos Santos.

Campus: Que saídas você vê para esta crise?

Rogério: Existe um potencial muito grande e ainda não explorado que é o documentário. Mesmo assim, o realizador volta a ter os problemas com a censura, público e exibidor.

O público não está habituado a ver este tipo de filme, por culpa maior do exibidor. Este é outro grande problema com que se depara o Cinema Brasileiro. Dentro da atual legislação, sai muito mais barato para o exibidor alugar um filme estrangeiro a preço de banana (ficando ele com o total da renda) do que ter de dividi-la em 50% com o produtor brasileiro.

No caso do documentário, é necessário que se faça uma campanha, motivando o público até que ele perceba o sentido analítico no tratamento da realidade, próprio neste gênero de filme. O filme para a televisão é uma saída de mercado, para o curta e longa-metragem. Mas até hoje essa saída não foi aproveitada.

Cinema para criança, a meu ver, é uma das melhores saídas, na medida em que, a longo prazo, criará no público jovem o hábito e o gosto de ver filmes brasileiros. Isto fará que no futuro não se repitam as frustrações de tantas gerações que aprenderam na informação estrangeira distante da nossa realidade uma estética que nada tem a ver com a nossa cultura.

Campus: E você acha que os nossos gênios, um Glauber Rocha, por exemplo, fariam filmes com essa abertura que você propõe?

Rogério: Talvez um Glauber Rocha não fizesse, nem conseguisse. A verdade é que o Cinema Brasileiro precisa de mais humildade e menos gênios. Precisamos de mais cineastas dentro de nossa estética.